

CAPA

Engavetadores a risco

LULA DISPÕE-SE A ACABAR COM A RAÇA
DANINHA E DEVOLVER O MINISTÉRIO PÚBLICO
À SUA MISSÃO REPUBLICANA

por MINO CARTA

A escolha do procurador-geral da República é da competência privativa do primeiro mandatário do País, em seguida à aprovação pelo Senado Federal. Desde 2003, Lula inaugurou um sistema destinado a tornar-se tradição: nomear o PGR a partir de uma lista tríplice elaborada pela associação nacional dos procuradores.

Pretendia Lula assegurar maior autonomia e independência a quem comandava o Ministério Público Federal, mas, na prática, a lista tríplice excitou fatalmente o corporativismo da instituição. Os procuradores ingressam na carreira a partir de concursos públicos destinados, inevitavelmente, a favorecer os candidatos mais abastados, habilitados a dedicar anos de estudo em cursos preparatórios.

Mais uma vez, a desigualdade costumeira vigorou, a favorecer interesses po-

líticos, conforme se deu com a Lava Jato. Desastrada, Dilma Rousseff aprovou em 2013 uma legislação permissiva para os chamados Acordos de Colaboração Premiada. Assim deu-se a nomeação de Rodrigo Janot no mesmo ano e a sua recondução ao cargo, em 2015. A figura é grande responsável pela autonomia alcançada pela Lava Jato e a dita República de Curitiba teve todas as possibilidades de assaltar a própria lei. Meros suspeitos acabaram presos por tempo indetermi-



Intérpretes da ferocidade tipicamente nativa: Caxias, genocida do povo paraguaio; Borba Gato, matador de índios e escravos fugidos na singela homenagem paulistana; João Havelange, mestre de vitórias roubadas



nado, para forçar delações. Alvos políticos foram visados até admitir-se um fundo bilionário alimentado por acordos de leniência. A bandalheira somente tempo após foi sustada pelo STF.

Dilma nomeou Janot em 2013, antes da eclosão da Lava Jato. Não excluiu, porém, em 2015, quando os lavajatistas já levavam à ribalta a sua infame encenação. Michel Temer, incomparável surfista do golpe de 2016, não encampou o sistema anterior e nomeou a obscura Raquel Dodge, de fato segunda colocada na tal votação. Coube a Jair Bolsonaro escolher Augusto Aras, ausente de qualquer lista. O novo procurador esmerou-se no papel de cão de guarda do ex-capitão, de sorte a engavetar qualquer ameaça ao governo. E ganhou, com amplos méritos e apego à realidade, o apelido de “engavetador-geral da República”, atribuído pela primeira vez a Geraldo Brindeiro, que removera de vez de sua pauta qualquer

Acima, Aras protegeu Bolsonaro, enquanto Brindeiro, primeiro engavetador, garantiu tranquilidade a FHC, mas não impediu falhas clamorosas



investigação contra o então presidente Fernando Henrique Cardoso.

O presidente Lula manda agora às fadas a lista triplíce, para deixar claro que não vai confiar o cargo a lavajatista algum. Espera-se então a indicação de uma figura de perfil republicano, desde logo empenhada em cumprir a lei vergonho-



Janot, escolhido por Dilma em 2013, não merecia ser reconduzido ao cargo dois anos depois

samente ludibriada para favorecer os interesses de embusteiros em lugar daqueles do País. Parece estar ameaçada, finalmente, a convicção nativa: importa é a vitória atingida a todo custo e não a forma de alcançá-la. Com isto, atirou-se frequentemente ao lixo qualquer gênero de compromisso moral e ético, em apego a uma realidade disposta a transcender aquela doença, provocada por alguma síndrome maligna.

Falássemos de futebol, seria de praxe aludir à “síndrome de Havelange” ou de Ricardo Teixeira, deploráveis brasileiros da gema. A história do País traz à memória personagens exemplares de uma tendência irrefutável, celebrados como heróis, fardados e paisanos. Destaque para o Duque de Caxias, autor do genocídio do povo paraguaio, os escravagistas, escravocratas, sertanistas, capitães do mato e bandeirantes matadores de índios e escravos fugitivos, armados de chibatadas ou mesmo de colubrinhas. De uma parte destas taras ainda não nos livramos e descaradamente mentimos quando pretendemos tê-las superado.

Pergunto aos meus inquietos botões se estaríamos, a esta altura do nosso campeonato, dispostos a não repetir os erros e os deslizes do passado mesmo mais recente. Respondem contritos, mas firmes: deixa para lá. •